

Descortesia em debates políticos televisivos de 1989 e de 2014: Uma análise pragmática

Impoliteness in televised political debates of 1989 and 2014: A pragmatic analysis

Ronaldo de Oliveira Batista *

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil

Mariana dos Santos Andrade**

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma comparação das manifestações descorteses nos debates presidenciais televisivos de 1989 e de 2014, que visavam à eleição do presidente do Brasil em primeiro turno. No exame do material, buscou-se e analisar estratégias comunicativas provenientes do uso de atos descorteses em dois debates eleitorais realizados em circunscções temporais distintas, a fim de identificar possíveis mudanças no uso da língua em relação à descortesia. Para tanto, foram adotados como base teórica principal os pressupostos sobre o fenômeno da descortesia compreendida como uma atividade social, de acordo com Bravo (1999, 2003), Blas Arroyo (2001, 2010) e Silva (2013), valendo-se de uma análise documental, na qual trechos de vídeos televisivos dos debates constituem o *corpus*. Por fim, deve-se levar em consideração que se tem no gênero debate político uma interação conflituosa, na qual o objetivo costuma ser manchar a imagem dos adversários ao passo que se enalteça a própria, o que pode transformar a descortesia em regra.

Palavras-chave: Descortesia. Debates políticos. Análise da conversação. Pragmática.

Abstract: This article proposes a comparison of impolite manifestations in the Brazilian presidential debates of 1989 and 2014. By examining the material, we sought to analyze communicative strategies derived from the use of impolite acts in two electoral debates held in different temporal situations, in order to identify possible changes related to impoliteness. In order to do so, we followed the assumption that this phenomenon is a social activity, according to Bravo (1999, 2003), Blas Arroyo (2001, 2010) and Silva (2013), using a documental analysis, in which excerpts from television videos of the debates constitute the corpus. Finally, it must be taken into account that a political debate is a conflicting interaction, in which the goal is usually to denigrate the face of opponents while enhancing the ones who use these strategies.

Key-words: Impoliteness. Political debate. Conversation analysis. Pragmatics.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil; ronaldo.obatista@gmail.com.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil; mariana_s.a@hotmail.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As pesquisas sobre cortesia têm sido alvo de interesse para os estudiosos da pragmática e da sociolinguística, considerando esse fenômeno como ferramenta reguladora da qual depende o sucesso na comunicação. A primeira proposta de enquadrar essa atividade em uma teoria, sugerida por Brown e Levinson (1978, 1987), foi revisitada, ampliando o escopo dos estudos acerca dos modos de interação verbal e gerenciamento das imagens e das estratégias linguísticas.

A partir desses avanços, pode-se dizer que, mais do que seleção e uso de recursos linguísticos, a cortesia, sendo um fenômeno social e linguístico, é elemento constituinte da interação verbal. Além disso, estratégias de uso da língua com vistas a observar cortesia e a descortesia, a dinâmica discursiva e a negociação de papéis dos interlocutores estão relacionadas a variáveis de natureza social e histórica, tendo em mira que esses não são fenômenos unilaterais ou estanques, mas complexos em sua configuração, resultantes que são de uma conjuntura social-discursiva dinâmica, diante das possibilidades de interação verbal e contextos de troca linguística¹.

Tendo em vista o apontado, compreende-se como descortesia, fenômeno no qual este artigo se foca, o tipo de atividade que objetiva manchar a imagem do coenunciador, o que pode fazer com que a imagem do enunciador seja prejudicada no processo ou seja elevada, dependendo da natureza da interação. Assim, a descortesia viola as normas interacionais cotidianas. No entanto, considera-se que pode ser utilizada como estratégia em determinados discursos. Tendo apontado essas questões, adota-se, ainda, a noção de que²

Um dos aspectos mais relevantes no estudo desse extremo menos harmônico, e eventualmente sem adornos, das relações interpessoais é a constatação de que tanto o caráter como o grau que alcançam os comportamentos descorteses são intimamente relacionados com os contextos que se desenvolvem, sejam esses de caráter individual, cultural ou institucional. A propósito desses últimos, por exemplo, tem-se chamado a atenção sobre a existência de diversos tipos de discurso em que o comportamento interacional esperável por parte dos participantes é, justamente, da agressividade verbal e da descortesia, como ocorre com os debates políticos. (Blas Arroyo, 2010, p. 184, tradução nossa)

Inserindo-se na perspectiva de estudos pragmáticos, este artigo propõe comparar manifestações descorteses nos debates presidenciais televisivos de 1989 e de 2014, que visavam à eleição do presidente do Brasil em primeiro turno, levando

¹ Esta análise não faz uso do conceito de “ato ameaçador da face”, tal como elaborado por Brown e Levinson (1987). O referencial teórico aqui utilizado é aquele que se configura como uma revisão das ideias de polidez defendidas por esses autores em seu clássico *Politeness*, feita, entre outros, por Blas Arroyo, Bolívar e Culpeper.

² “Uno de los aspectos más relevantes en el estudio de este extremo menos armónico, y eventualmente descarnado, de las relaciones interpersonales es la constatación de que tanto el carácter como el grado que alcanzan los comportamientos descorteses se hallan íntimamente relacionados con los contextos en que se desenvuelven, sean estos de carácter individual, cultural o institucional. A propósito de estos últimos, por ejemplo, se ha llamado la atención acerca de diversos tipos de discurso en los que el comportamiento interacional esperable por parte de los participantes es, justamente, el de la agresividad verbal y la descortesía, como ocurre con los debates políticos.” (Blas Arroyo, 2010, p. 184)

em consideração as possíveis mudanças no uso da língua portuguesa dentro do período de 25 anos. Para tanto, considera-se que “a descortesia merece uma atenção especial no macrodiálogo político, porque tem um valor ideológico e pode ser usada com diferentes ‘funções estratégicas’ na interação política”³ (Bolívar, 2003, p. 213, tradução nossa). Essa atividade social – a descortesia –, mesmo que possa ser atenuada, é utilizada em um contexto de debate político como ameaça proposital à imagem de candidatos à eleição, de maneira a enaltecer a imagem de enunciadores no processo comunicativo. Dessa forma, os atos descorteses podem tornar-se a regra em determinados tipos de interações polêmicas (as que buscam manchar o coenunciador por meio da palavra), como ocorre no debate eleitoral face a face:

Em determinados tipos de discurso, no entanto, o conflito, a crítica e o ataque pessoal desempenham papel importante para o sucesso da interação. Tais atos são denominados de *atos descorteses*, pois a intenção não é evitar a ameaça potencial de certos atos, pelo contrário, a intenção é denegrir, desvalorizar, ofender o interlocutor. Nesses casos, a *descortesia* torna-se a regra, pois se trata de uma estratégia para se conseguir um determinado benefício. (Silva, 2013, p. 102, grifos do autor)

O debate de 1989 ocorreu entre os candidatos Mário Covas, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), Leonel Brizola, do PDT (Partido Democrático Trabalhista), Paulo Maluf, do PDS (Partido Democrático Social), Afonso Camargo, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), Aureliano Chaves, do PFL (Partido da Frente Liberal), Luiz Inácio Lula da Silva, do PT (Partido dos Trabalhadores), Ronaldo Caiado, do PSD (Partido Social Democrático), Guilherme Afif Domingos, do PL (Partido Liberal), Roberto Freire, do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Esse debate foi mediado pela jornalista Marília Gabriela e transmitido pela rede Bandeirantes no dia 17 de julho de 1989, época do primeiro pleito direto para Presidente da República depois da ditadura (Schreiner; Fendrich, data desconhecida).

Em 2014, a interação ocorreu entre Aécio Neves, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), Dilma Rousseff, candidata à reeleição pelo PT (Partido dos Trabalhadores), Eduardo Jorge, do PV (Partido Verde), Levy Fidelix, do PRDB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), Marina Silva, do PSB (Partido Socialista Brasileiro), Luciana Genro, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Pastor Everaldo, do PSC (Partido Social Cristão). Esse debate foi transmitido no dia 2 de outubro de 2014 pela rede Globo de televisão, com duração de 2 horas e 14 minutos, e foi mediado pelo jornalista William Bonner.

O método utilizado nesta pesquisa consiste em uma análise documental, considerando os vídeos selecionados como o documento a partir do qual se identificaram os trechos pertinentes à observação linguística aqui proposta. Dessa fonte original, tendo em vista as informações que contém, as estratégias pragmáticas utilizadas pelos enunciadores foram definidas para que se pudesse alcançar a perspectiva interpretativa pretendida, que procura evidenciar a presença dessas estratégias em relação à descortesia no âmbito do discurso político.

³ “La descortesia merece una atención especial en el macro diálogo político porque tiene un valor ideológico y puede usarse con diferentes ‘funciones estratégicas’ en la interacción política.” (Bolívar, 2003, p. 213)

Após a seleção e análise dos trechos, foi feita a comparação do uso de estratégias descorteses em ambos os debates, considerando efeitos de sentido e propósitos comunicacionais.

Sendo assim, o tratamento do corpus obedeceu aos seguintes procedimentos: a) análise do conteúdo do material; b) identificação de trechos que evidenciam o uso das estratégias pragmáticas que buscamos analisar; c) transcrição dos trechos selecionados; d) comparação dos trechos selecionados; e) sínteses interpretativas dos resultados alcançados na análise⁴.

Para isso, adota-se a noção de que a Pragmática diacrônica estuda mudanças no uso da linguagem, focando no “inventário linguístico e seu uso comunicativo através de diferentes estágios históricos de uma mesma língua”⁵ (Jacobs; Jucker, 1995, p. 11, tradução nossa). Em relação à cortesia e à descortesia, costumam-se utilizar as abordagens social e funcional, sendo a primeira voltada aos estudos que focam nos aspectos descritivos das identidades sociais dos interactantes ao passo que a segunda se concentra nos aspectos pragmáticos e discursivos do uso da linguagem (Nevala, 2010).

As investigações mais atuais sobre cortesia e descortesia históricas envolvem questões relacionadas à maneira como essas atividades sociais eram compreendidas no passado, de acordo com diferentes situações, considerando a importância do contexto sociocultural. Dessa forma, Nevala (2010) destaca a necessidade de compreender os aspectos históricos e sociais para analisar essas atividades em determinado recorte temporal.

FLP 19(2)

2 O DEBATE POLÍTICO

Os debates eleitorais, interações transmitidas por emissoras de rádio ou televisão, são um evento tradicional dentro do regime democrático, possibilitando que os políticos tenham a chance de expor suas ideias e propostas de governo, auxiliando os eleitores na escolha do candidato mais adequado para governar. São realizados baseados em regras estabelecidas de comum acordo entre os partidos políticos participantes e a emissora responsável pela sua realização, bem como tendo ciência a Justiça Eleitoral. Assim, para que um debate de primeiro turno das eleições seja realizado, devem ser consideradas aprovadas as regras (Muller, 2011).

Os debates são considerados práticas discursiva de relevância no espaço social, pois fazem com que seus interlocutores e espectadores ampliem o conhecimento acerca dos projetos políticos dos participantes. Quando veiculados na televisão, organizam-se de forma específica e têm suas próprias características. Trata-se, primeiramente, de processos comunicativos nos quais se tem ao menos dois participantes que apresentam ideias distintas. A partir disso, é proposta uma interação entre eles para que suas opiniões sejam discutidas.

⁴ O corpus não está publicado e é constituído da transcrição (feita pela autora Mariana dos Santos Andrade) dos vídeos dos debates analisados.

⁵ “[...] linguistic inventory and its communicative use across different historical stages of the same language.” (Jacobs; Jucker, 1995, p. 11)

Apesar de regras particulares, os debates políticos televisivos costumam seguir um mesmo modelo, no qual o início da discussão é declarado por um mediador, que explica as normas e apresenta os candidatos. São feitas perguntas, respostas, réplicas e tréplicas, sendo que algumas interrogações já são determinadas previamente e outras são de tema livre.

A declaração de início e término do debate político, o controle e distribuição de turnos e o tempo que cada participante tem para expor sua fala são de responsabilidade do mediador. Em tese, as normas são rígidas, o que confere igualdade aos candidatos e imparcialidade ao mediador e à emissora na qual a discussão é veiculada.

Nesta análise, serão estudadas algumas interações entre candidatos, considerando os propósitos deste texto. Tendo em vista que os interactantes são adversários, considera-se o debate como uma discussão repleta de controvérsias, na qual são apresentadas opiniões sobre temas e questões que, em geral, interessam aos eleitores.

3 IMAGENS NA INTERAÇÃO VERBAL

O conceito de imagem foi inicialmente proposto por Goffman (1967), que apresentava uma preocupação em analisar como funcionavam os processos interacionais. Em seus estudos, afirma que esse conceito representa o “valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (Goffman, 1967, p. 77).

Em meio às revisões da proposta inicial de Brown e Levinson (1987), Bravo (1999, 2003) sugere que existem algumas necessidades humanas vinculadas à noção de imagem: a autonomia, que está relacionada à maneira com a qual o indivíduo percebe a si mesmo e como os demais o percebem como alguém com um espaço próprio dentro de determinado grupo; e a afiliação, que é tudo aquilo que colabora para que o indivíduo se identifique com um grupo, inclusive o que faz com que as outras pessoas o percebam como parte desse grupo. A linguista diz que, por se tratar de princípios humanos, supostamente seriam universais, ao contrário da divisão imagem positiva e negativa. Além disso, o que diferencia a proposta de Bravo (1999) da noção elaborada por Brown e Levinson (1987) é que esses conceitos não devem ser vistos como categorias de diferenciação, mas como categorias inicialmente vazias, as quais devem ser preenchidas no processo de análise, de acordo com contextos socioculturais específicos⁶.

Sobre a cortesia, Hernández Flores (2004) aponta, ainda, para o fato de que essa atividade social não é utilizada somente para mitigar ameaças, como defendido por Brown e Levinson (1987). Esse fenômeno é também usado para realçar as

⁶ Essas nomenclaturas foram adotadas neste estudo porque são categorias que devem ser preenchidas no momento da análise, de acordo com o contexto sociocultural no qual a interação se insere, o que facilita a aplicação desses conceitos em diferentes culturas e situações. Além disso, ao se adotarem essas noções, fica claro que não se faz juízo de valor, confusão possível ao utilizar as nomenclaturas imagem *positiva* e *negativa*, propostas por Brown e Levinson (1987).

imagens do enunciador e do coenunciador, considerando esse como um dos motivos que fazem com que um falante seja cortês. Ou seja, a cortesia traz benefício mútuo às imagens, sendo que serve tanto para fazer com que o ouvinte se sinta bem e que sua imagem seja valorizada, quanto para beneficiar o próprio falante, que legitima a imagem de alguém educado e simpático, características apreciadas no convívio em sociedade. Dessa forma, a cortesia é um tipo de atividade de imagem que pode ser compreendida como⁷

Uma estratégia para se dar bem com o outro, seja como um objetivo primordial (por exemplo uma saudação, um agradecimento, um elogio), seja para atenuar algo que possa levar o locutor a parecer rude e descortês frente a seus interlocutores (uma crítica imprópria) ou de ser particularmente amável com o objetivo de obter benefícios extrainterlocutivos. (Bravo, 2003, p. 101-102, grifo da autora, tradução nossa)

No entanto, há determinados tipos de interação conflituosos por natureza, o que faz com que a descortesia passe a ser a norma. Ao contrário da cortesia, que visa a manter a harmonia por meio da preservação ou enaltecimento das imagens, a descortesia pode ser vista como um fenômeno que objetiva manchar a imagem do coenunciador. Assim, a noção de imagem está intrinsecamente conectada também às manifestações de descortesia, especialmente aquelas que ocorrem no âmbito do discurso político. Dessa forma, ser descortês viola as normas interacionais cotidianas; no entanto, considera-se que pode ser utilizada como estratégia em determinados discursos. Tendo apontado essas questões, adota-se, ainda, a noção de que⁸

[u]m dos aspectos mais relevantes no estudo desse extremo menos harmônico e eventualmente sem adornos, das relações interpessoais é a constatação de que tanto o caráter como o grau que alcançam os comportamentos descorteses são intimamente relacionados com os contextos que se desenvolvem, sejam esses de caráter individual, cultural ou institucional. A propósito desses últimos, por exemplo, tem-se chamado a atenção sobre a existência de diversos tipos de discurso em que o comportamento interacional esperável por parte dos participantes é, justamente, da agressividade verbal e da descortesia, como ocorre com os debates políticos. (Blas Arroyo, 2010, p. 184, tradução nossa)

FLP 19(2)

⁷ “*una estrategia para quedar bien con el otro ya sea manifestada como un objetivo primordial (por ejemplo un saludo, un agradecimiento, un halago) ya sea que se trate de una atenuación de algo que puede hacer quedar al hablante como rudo y descortés frente a sus interlocutores (una crítica inapropiada) o de ser particularmente amable con el objetivo de obtener beneficios extrainterlocutivos.*” (Bravo, 2003, p. 101-102, grifo da autora)

⁸ “Uno de los aspectos más relevantes en el estudio de este extremo menos armónico, y eventualmente descarnado, de las relaciones interpersonales es la constatación de que tanto el carácter como el grado que alcanzan los comportamientos descorteses se hallan íntimamente relacionados con los contextos en que se desenvuelven, sean estos de carácter individual, cultural o institucional. A propósito de estos últimos, por ejemplo, se ha llamado la atención acerca de diversos tipos de discurso en los que el comportamiento interaccional esperable por parte de los participantes es, justamente, el de la agresividad verbal y la descortesía, como ocurre con los debates políticos.” (Blas Arroyo, 2010, p. 184)

4 COMPARAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE DESCORTESIA

Tendo em vista o gênero discursivo no qual ambas as interações se inserem, o debate político,

é esperado que os adversários políticos assumam seus papéis, defendam as ideias, os princípios que configuram seus partidos, e mostrem a seus adeptos, que os elegeram, que eles estão atentos e que não podem aceitar a posição do adversário. O desacordo é a regra maior. (Aquino, 2008, p. 364)

Dessa forma, para atingir esses propósitos, os candidatos podem utilizar determinadas estratégias de descortesia, apontadas nas análises. Tendo em vista, primeiramente, a estratégia de autovalorização, no debate de 1989 foram analisadas falas de Paulo Maluf e de Afonso Camargo. Na primeira fala, observou-se a busca pelo estabelecimento de uma imagem afiliativa com os eleitores, voltada à cortesia, considerando que “[...] o público, ainda que não esteja presente no contexto situacional e seja tomado como destinatário indireto, é, na verdade, um destinatário direto, por ser a própria razão da ocorrência do debate” (Aquino; Fávero, 2002, p. 175).

Considera-se também que, apesar de os dois debates terem ocorrido em diferentes períodos de tempo, eles são unidos por similaridades de gênero e de contexto, tendo em vista as características e objetivos comuns. Leva-se ainda em consideração que um gênero é produzido por determinados indivíduos para outros indivíduos específicos, exercendo determinados papéis dentro de determinadas circunstâncias e adotando determinados usos da língua (Culpeper, 2010). Devido a esses aspectos, o desafio de uma análise histórica, nesse caso, foi menos dificultoso, uma vez que a dificuldade costuma se instaurar a partir do momento em que o pesquisador não está familiarizado com o devido contexto cultural (Bax, 2003). Além disso, esta pesquisa considerou o que se compreende por cortesia e descortesia da mesma maneira nas duas interações.

Ainda assim, cada debate foi construído linguisticamente de acordo com suas particularidades. É preciso ressaltar que a interação de 1989 foi o primeiro debate político com finalidade de eleição direta após a ditadura no Brasil, o que pode ser considerado como um evento que marcou a democracia no país e revelou políticos cujos discursos buscavam inovação e melhorias no país, além da presença de uma sociedade brasileira com esperanças em relação ao novo regime político. Já em 2014, a população brasileira mostrava-se insatisfeita com a política de maneira geral e o discurso dos candidatos à presidência, por sua vez, foi construído a partir de críticas que mostrassem a inaptidão de seus adversários.

Dessa forma, pode-se afirmar que, se o cenário político nas duas interações mudou, é natural que as estratégias de uso da língua também fossem diferentes, uma vez que mudanças de situação exercem forte influência nas escolhas de linguagem, considerando que essas não são governadas por convenções rígidas (Nelava, 2010).

Tendo em mira a comparação das estratégias, pode-se apontar que a ameaça às imagens dos demais candidatos esteve bastante presente por meio de atos de fala indiretos, isto é, de maneira que a real intenção do enunciado (geralmente manchar a

imagem dos demais) estivesse mascarada. Esse mecanismo permite que os interactantes ameacem a imagem de seus adversários sem prejudicar a própria imagem. Para autopromover-se, Paulo Maluf repetiu seu nome diversas vezes e utilizou os verbos no futuro do pretérito, colocando-se como condição para o Brasil melhorar. Por fim, sua intenção foi estabelecer uma imagem de político honesto e competente.

No enunciado de Afonso Camargo, observou-se o uso do pronome pessoal 'eu' na tentativa de valorizar-se. Além disso, o candidato mencionou trabalhos anteriormente realizados, buscando construir a imagem de um político experiente e competente. Nesse processo, a desvalorização da imagem dos demais candidatos foi indireta.

No debate de 2014, foram analisados enunciados de Dilma Rousseff e de Aécio Neves. Na primeira fala, pôde-se observar a repetição do nome de um programa criado pelo partido da candidata, além das ameaças indiretas às imagens de seus adversários, objetivando criar a imagem de um político experiente e dedicado ao povo brasileiro.

No enunciado de Aécio Neves, observaram-se atos de cortesia para com o público, valorizando suas imagens de afiliação. Além disso, a escolha de vocabulário fez parte dessa estratégia, agregando um tom esperançoso à fala do candidato. Por fim, a repetição do pronome pessoal 'eu' foi outro elemento que contribuiu para a criação de uma imagem honesta e competente.

Comparando o uso da estratégia de autovalorização em ambos os debates, observam-se algumas semelhanças. Primeiramente, a ameaça às imagens dos demais candidatos apareceu por meio de atos de fala indiretos, ou seja, com a ausência de elementos linguísticos que caracterizassem um ato de descortesia. A cortesia com o público eleitor esteve presente, especialmente nas falas de Afonso Camargo e de Aécio Neves, considerando o objetivo de conquistar votos. Além disso, nesses mesmos enunciados, pôde-se observar o uso do pronome pessoal 'eu' como parte da autopromoção e a ênfase na experiência, o primeiro candidato destacando que foi ministro do transporte e o segundo, governador de Minas Gerais. Nas falas de Paulo Maluf e Dilma Rousseff, por sua vez, há semelhança na repetição que fazem, buscando evidenciar e valorizar suas imagens, o primeiro dizendo várias vezes seu próprio nome e a segunda, o nome do programa criado por seu partido.

No geral, buscou-se, nessa estratégia, a atenuação da descortesia. Essa estratégia poderia, inclusive, ser interpretada como uma atividade de autoimagem (aquelas que podem favorecer ou desfavorecer o enunciador sem que tenha efeito algum sobre o coenunciador). No entanto, devido ao contexto no qual se inserem (um debate político, interação na qual se objetiva conquistar ou permanecer no poder), sabe-se que se trata de uma tentativa de se sobressair em comparação com os demais candidatos, o que indica descortesia.

Notou-se que o propósito dos interactantes foi estabelecer uma imagem de afiliação com o público eleitor ao passo que prejudicassem as imagens dos oponentes, buscando autopromover-se por meio da criação de uma imagem honesta e competente. No entanto, em relação às diferenças, pode-se dizer que a descortesia foi mais evidente na fala de Paulo Maluf quando o candidato aponta que quem é a

FLP 19(2)

favor da corrupção ‘tem uma porção de gente para votar’, referindo-se aos demais, sem se preocupar em atenuar o ato descortês.

Tendo em mira a estratégia de desqualificação do outro, no debate de 1989, foram utilizados os mecanismos de dizer que o adversário é mentiroso e incompetente, o que se repete em 2014, no qual também ocorreu a acusação de falta de caráter.

Em 1989, foram observadas falas de Lula, Ronaldo Caiado, Afif Domingos e Paulo Maluf. De maneira geral, a estratégia de desqualificação dos candidatos foi composta por atos de descortesia atenuados (como Lula optando por dizer ‘inverdade’ em vez de ‘mentira’) e por momentos de autopromoção da própria imagem (os candidatos buscaram, no geral, apontar fragilidades nos seus oponentes para destacar suas virtudes).

Em meio aos mecanismos linguísticos, pode-se destacar como descortesia a pergunta retórica feita por Ronaldo Caiado e, como busca da valorização da própria imagem, o uso dos pronomes pessoais ‘eu’, pelo mesmo candidato e por Afif Domingos e ‘nós’, como cortesia para com o público, pelo segundo candidato.

Não aconteceram atos descorteses que não fossem indiretos, uma vez que a intenção dos políticos foi legitimar a imagem de candidatos honestos, responsáveis e competentes, colocando esse objetivo como mais importante que manchar as imagens dos oponentes. Dos membros da interação apontados, o que pode ser considerado exceção a essa característica foi Paulo Maluf, apontando que seus adversários se interessavam em mordomias.

No debate de 2014, foram estudadas falas de Levy Fidelix, Aécio Neves, Dilma Rousseff e Eduardo Jorge. Nelas, os enunciados descorteses não foram atenuados, possivelmente porque o propósito dos candidatos era, em primeiro plano, ameaçar a imagem de seus adversários e não enaltecer a própria imagem. Dentre eles, Eduardo Jorge foi quem buscou restaurar sua imagem após a ameaça. Já como mecanismos que compuseram essa estratégia de descortesia, pode-se, então, mencionar os atos descorteses não amenizados e a pergunta retórica feita por Aécio Neves a Dilma Rousseff.

Ao comparar o uso dessa estratégia em ambos os debates, nota-se que, em 1989, houve a preocupação em manter ou enaltecer a própria imagem, enquanto que, em 2014, o objetivo principal era, de fato, apontar fragilidades nos demais políticos, sem preocupar-se em atenuar a descortesia. Levy Fidelix, por exemplo, usou palavras como ‘envergonha’, ‘mentira’ e acusou Luciana Genro de o ‘incriminar’. Aécio Neves e Dilma Rousseff, por sua vez, trocaram acusações em um momento no qual tinham de perguntar e responder um ao outro. Por fim, aponta-se, ainda, que, em 2014, houve a acusação de falta de caráter.

Por fim, na estratégia que formula contrastes desvantajosos, foram estudadas falas de Afonso Camargo e Lula, em 1989, e de Luciana Genro e Marina Silva, em 2014. No primeiro debate político, foram observados atos de fala indiretos como mecanismo para atenuar a descortesia. Além disso, os candidatos utilizaram o pronome pessoal ‘eu’ para enaltecer e valorizar a imagem afiliativa que buscavam desenvolver em relação ao público eleitor.

FLP 19(2)

A intenção de Afonso Camargo e Lula, nesse momento da interação, foi legitimar a imagem de políticos responsáveis e competentes. Na fala de Lula, observou-se, ainda, a preocupação em estabelecer a imagem de um governante que colabora com a participação popular na política.

Em 2014, primeiramente, Luciana Genro acusou Dilma Rousseff e Aécio Neves de governar para a parcela mais financeiramente favorecida da sociedade brasileira, ao passo que ela e seu partido governariam para todos, especialmente para os pobres. Marina Silva, por sua vez, propôs melhorias em um dos programas sociais criados pelo partido de Dilma Rousseff, o Bolsa Família, indo ao encontro da visão de Luciana Genro.

Em ambos os enunciados, observou-se a tentativa de criar uma imagem de afiliação com o povo brasileiro, propondo melhorias para a vida em sociedade, especialmente para os mais necessitados. O objetivo foi legitimar discursivamente a imagem de governantes preocupadas com a população de maneira geral.

Comparando as falas das duas interações, em 1989 houve maior preocupação em atenuar os atos descorteses e promover a própria imagem. Em 2014, notou-se que a intenção principal foi manchar a imagem dos demais candidatos, ao passo que valorizar a própria veio em segundo plano.

Em suma, pôde-se notar que, em 1989, a descortesia foi atenuada e a maior preocupação era legitimar uma determinada imagem de político ideal e valorizá-la diante dos eleitores. Com esse mesmo propósito, houve cortesia diante do público e a busca em estabelecer uma imagem de afiliação com o povo brasileiro. Como mecanismos linguísticos, estiveram presentes o uso de verbos modalizadores e verbos conjugados no futuro do pretérito, atenuando a descortesia, o uso dos pronomes pessoais 'eu', no enaltecimento da própria imagem, e 'nós', ora para amenizar um ato descortês, ora para compor uma imagem afiliativa.

No debate de 2014, por sua vez, embora a cortesia com o público estivesse presente em alguns momentos, bem como o uso do pronome 'eu' com o mesmo objetivo citado anteriormente, não se pode observar com tanta intensidade a atenuação nos atos descorteses. Dessa forma, pode-se inferir que o propósito dos candidatos foi manchar a imagem de seus oponentes, mais do que estabelecer uma imagem de afiliação com os eleitores.

Na Tabela 1 a seguir, pode-se observar a relação de mecanismos linguísticos utilizados como parte de estratégias de descortesia:

Tabela 1 – Relação dos mecanismos linguísticos utilizados nas estratégias de descortesia.

1989			2014		
<i>Mecanismos Linguísticos</i>	<i>n.º</i>	<i>Efeitos de sentido</i>	<i>Mecanismos Linguísticos</i>	<i>n.º</i>	<i>Efeitos de sentido</i>
Repetição de nomes próprios	1	Colocar em evidência a imagem pública do político (repetindo o próprio nome).	Repetição de nomes próprios	1	Enfatizar a competência do partido da candidata (repetindo o nome de um programa

				social).
Pronome 'nós' inclusivo (entre candidatos)	5	Amenizar uma ameaça para não prejudicar a própria imagem.	Pronome 'nós' inclusivo (entre candidatos)	0 -
Pronome 'nós' exclusivo	7	Colocar em evidência a imagem do candidato e de seu partido, ameaçando os demais de maneira implícita.	Pronome 'nós' exclusivo	4 Colocar em evidência a imagem do candidato e de seu partido, ameaçando os demais de maneira implícita.
Pronome 'eu'	13	Colocar em evidência a imagem do candidato (focando em suas realizações políticas) e de seu partido, ameaçando os demais de maneira implícita.	Pronome 'eu'	5 Colocar em evidência a imagem do candidato (focando em suas realizações políticas) e de seu partido, ameaçando os demais de maneira implícita.
Pronome de tratamento 'senhor(a)' (entre candidatos)	0 -		Pronome de tratamento 'senhor(a)' (entre candidatos)	10 Aumentar o distanciamento.
Pronome de tratamento 'você' (entre candidatos)	0 -		Pronome de tratamento 'você' (entre candidatos)	9 Colocar os demais candidatos em um mesmo nível hierárquico. Pode ser interpretado como desrespeito.
Verbo conjugado no futuro do pretérito	4	Mitigar a ameaça para não prejudicar a própria imagem.	Verbo conjugado no futuro do pretérito	2 Mitigar a ameaça para não prejudicar a própria imagem.
Verbo modal	8	Mitigar a ameaça para não prejudicar a própria imagem.	Verbo modal	1 Mitigar a ameaça para não prejudicar a própria imagem.
Verbo no modo imperativo	0 -		Verbo no modo imperativo	1 Desafiar o adversário, sem abrir margem para opções.
Pergunta retórica	1	Causar polêmica por meio de uma comunicação não cooperativa.	Pergunta retórica	1 Causar polêmica por meio de uma comunicação não cooperativa.
Vocabulário ou expressão que indique atenuação	1	Mitigar a ameaça para não prejudicar a própria imagem.	Vocabulário ou expressão que indique atenuação	0 -
Vocabulário ou expressão que indique ameaça	0 -		Vocabulário ou expressão que indique ameaça	5 Agredir a imagem pública do adversário.

FLP 19(2)

A tabela evidencia as diferenças apontadas na comparação de ambos os debates, apoiando a concepção de que se apropriou do uso da descortesia com mais frequência no debate de 2014, uma vez que, em 1989, a principal intenção era a valorização da própria imagem, enquanto a ameaça ocorreu de forma secundária. Além disso, pode-se perceber que elementos linguísticos não têm uma definição fixa quanto à cortesia e descortesia, mas sim devem ser estudados no momento da análise, apoiados em um contexto.

Pôde-se observar, ainda, que os elementos linguísticos apresentados na tabela foram utilizados com o mesmo efeito de sentido em ambos os debates, ou seja, há semelhanças no uso da língua para compor estratégias de descortesia. A maior diferença, como mencionado, está nos atos ameaçadores em si, compostos por verbos no modo imperativo e pelo vocabulário, expressões e tom de voz utilizados, que aparecem com mais ênfase em 2014 que em 1989. No caso dessa análise, pode-se dizer, então, de acordo com a definição proposta por Culpeper (2010), que as diferenças ocorreram em um âmbito mais socialmente (macro) que linguisticamente (micro) orientado.

Por fim, Aquino (2013) aponta que o desacordo, regra que permeia debates políticos, pode ocorrer de maneira explícita ou implícita. O desacordo que ocorre explicitamente, de maneira direta, pode ser detectado por meio de elementos linguísticos, verbos ou expressões que indiquem discordância. O desacordo implícito, que se manifesta indiretamente, atribui aos demais participantes, ao mediador e ao público a função de observar o confronto que acontece com sutileza na interação. Assim, pode-se dizer que, no debate de 1989, os candidatos procuraram estabelecer ocorrências de discordância implícitas, ao passo que, em 2014, a manifestação de desacordo foi explícita (como nos momentos que se acusou o adversário de mentir, de envergonhar o país e de não ter conhecimento da realidade brasileira, no trecho ‘a senhora nos brindou com uma pérola’), devido aos ataques não atenuados às imagens dos adversários políticos.

De todo modo, com as manifestações de descortesia explícitas ou implícitas, a intenção dos candidatos é desqualificar a imagem de seus adversários, ao passo que se enaltece a própria. Há diferenças, no entanto, no modo como esse objetivo foi buscado em cada um dos debates, mostrando que, em 1989, havia a preocupação de preservar a própria imagem, ao passo que, em 2014, a intenção principal era prejudicar a imagem dos oponentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se evidenciar enunciados compostos por marcas de descortesia que serviram como estratégia discursiva na intenção de danificar a imagem do oponente nos debates políticos ocorridos em 1989 e em 2014. Apontaram-se, então, trechos nos quais aparecem manifestações descorteses de ameaça à imagem. Após a análise dos fragmentos eleitos, foi realizada a comparação do uso das estratégias descorteses, procurando destacar possíveis mudanças nos modos e nas formas de comunicação, verificando o que se alterou em relação ao uso desses mecanismos de descortesia aplicados em debates políticos no período de 25 anos.

Para a construção da análise, foi necessário levar em consideração aspectos situacionais das interações adotadas, tendo em mira quem produziu os enunciados e com quais objetivos, de acordo com regras estabelecidas, adotando, dessa forma, uma visão interacionista da descortesia. Assim, a postura metodológica aplicada nesta pesquisa compreende que o analista não se baseia exclusivamente em elementos linguísticos, mas na interpretação de tais elementos e nos efeitos de sentido produzidos por eles.

De acordo com a linha teórica defendida neste trabalho, a descortesia, bem como a cortesia, constituem-se como fenômenos linguísticos, mas também socioculturais. Isto é, os elementos da língua só exercem um significado real quando são considerados com fatores contextuais de determinada interação, em níveis de análise.

Além disso, em relação à descortesia como atividade social, pôde-se observar que esse fenômeno linguístico é mais que a quebra de um contrato interacional. Dentro do âmbito político, trata-se de uma estratégia que carrega intenções específicas, isto é, que possibilita o uso da linguagem de maneira a atender aos propósitos dos agentes políticos: prejudicar a imagem de seus adversários, buscando nesse processo estabelecer uma imagem de afiliação com o público para conquistar votos.

Dessa forma, o estudo sobre o gênero discursivo selecionado, quanto às suas características e organização, fez-se fundamental, uma vez que na interação que ocorre em debates políticos, as estratégias de descortesia são esperadas, tendo em mira que se trata de uma situação conflituosa por natureza, na qual o confronto de opiniões é parte constituinte.

Em relação às considerações levantadas, no debate político de 1989 a principal estratégia de descortesia utilizada foi a autovalorização, que pode ser observada em todos os exemplos apontados, estando também presente em meio às demais. Essa estratégia minimiza a descortesia, pois, aparentemente, o candidato está somente apontando suas qualidades e trabalhando em sua imagem de afiliação (desejo de fazer parte do grupo ao qual pertence o público eleitor) e de autonomia (desejo de mostrar o que o diferencia dos demais políticos, apontando razões para merecer o voto dos eleitores). Ainda assim, outras estratégias foram agregadas a essa, para potencializar a tentativa de destruição das imagens dos adversários, como é o caso da formulação de contrastes desvantajosos e da desqualificação do outro.

Sendo assim, as estratégias de descortesia apontadas foram utilizadas para compor a fala dos interactantes como meio de legitimar as imagens que eles procuraram criar discursivamente e para enaltecer a imagem que eles buscaram construir com a finalidade de persuadir o público eleitor. Além disso, as estratégias foram aplicadas com o propósito de manchar a imagem dos adversários, na tentativa de enfraquecer seus oponentes, objetivando conquistar votos para ganhar o pleito. A acusação, no entanto, ocorreu de maneira indireta, uma vez que tem de haver o cuidado dos presidenciáveis para preservar e enaltecer a imagem que eles procuram criar diante do público eleitor.

Já no debate de 2014 a principal estratégia utilizada foi a desqualificação do outro, que também pode ser observada em todos os exemplos apontados, estando

presente em meio aos outros mecanismos de descortesia. A maneira como essa estratégia foi utilizada, de modo geral, potencializou os atos de descortesia, uma vez que os candidatos que a utilizaram estavam preocupados em apontar fragilidades em seus adversários. Essa estratégia foi, inclusive, agregada às demais, objetivando manchar a imagem dos outros candidatos, como é o caso da autovalorização e da formulação de contrastes desvantajosos.

Dessa forma, essas estratégias de descortesia foram adotadas com a intenção principal de prejudicar as imagens dos demais interactantes e com o objetivo secundário de legitimar as imagens que os políticos procuraram criar diante do público eleitor, revelando o caráter de persuasão dessa atividade social em debates políticos.

REFERÊNCIAS

Aquino ZGO. Cortesia e descortesia em debates radiofônicos – um estudo das sequencias indicativas de desacordo. In: Preti D, organizador. Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas; 2008. p. 355-374.

_____. Diálogos da mídia – o debate televisivo. Preti D, organizador. Diálogos na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas; 2005. (Vol. 7). p. 171-194.

Aquino ZGO, Fávero LL. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: Preti D, organizador. A interação na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas; 2002. p. 159-178.

Bax M. Civil rites: ritual politeness in Early Modern Dutch letter-writing. *Journal of Historical Pragmatics*. 2003;4:303-325.

Blas Arroyo JL. La descortesía en contextos de telerrealidad mediática: análisis de un corpus español. In: Orletti F, Mariottini L. (Des)cortesía en español: espacios teóricos y metodológicos para estudio. Roma/Estocolmo: Università degli Studi Roma Tre/ EDICE; 2010. p. 183-209.

_____. “No digas choradas...”: la descortesía en el debate político cara a cara: una aproximación pragma-variacionista. *Oralia*. 2001;4:9-45.

Bolívar A. La descortesía como estrategia política en la democracia venezolana. In: Bravo D, editor. Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. Estocolmo: EDICE; 2003. p. 213-226.

Bravo D. Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: una introducción. In: Bravo D, editor. Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. Estocolmo: EDICE; 2003. p. 98-108.

_____. ¿Imagen positiva vs. imagen negativa?: pragmática social y componentes del face. *Oralia*. 1999;2:155-184.

Brown P, Levinson SC. Politeness: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press; 1987.

Culpeper J. Historical sociopragmatics. In: Jucker AH, Taavitsaunen I, editores. Historical pragmatics. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter; 2010. (Handbooks of Pragmatics, Vol. 8). p. 69-94.

Goffman E. Interaction ritual: essays on face-to-face behaviour. Nova Iorque: Garden City; 1967.

Hernández Flores N. La cortesía como la búsqueda del equilibrio de la imagen social. In: Bravo D, Briz A, editores. Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía em español. Barcelona: Editorial Ariel; 2004. p. 95-108.

Jacobs A, Jucker AH. The historical perspective in pragmatics. In: Jucker AH, editor. *Historical Pragmatics: pragmatic developments in the history of English*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1995. (Pragmatics & Beyond New Series 35). p. 3-33.

Muller L. Legislação eleitoral e debates. *Justiça Eleitoral em Debate*. 2011, ago./out.;1(2):37-40. [citado 22 jan. 2018]. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3585>.

Nevala M. Politeness. In: Jucker AH, Taavitsaunen I, editores. *Historical pragmatics*. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter; 2010. (Handbooks of Pragmatics, Vol. 8).

Schreiner K, Fendrich LJ. Debates [homepage]. [data desconhecida]. [citado 8 Jun. 2017]. Disponível em <http://www.eleitoralbrasil.com.br/conteudo/propaganda-eleitoral/debates-23>.

Silva LA. Descortesia e (des)construção da imagem pública. In: Preti D, Leite MQ. *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas; 2013. p. 93-119.